

ESPAÇOS DIGITAIS NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Bruna Luiz dos Santos

Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS
bruunaluiz@hotmail.com

Lorrana dos Santos Gouvêa

Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS
lorranagouvea@hotmail.com

Maria Augusta Martiarena de Oliveira

Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS
augusta.martiarena@osorio.ifrs.edu.br

RESUMO

Diante do cenário pandêmico, a História Digital da Educação foi um importante meio para realizar pesquisas durante o período de isolamento social, um nicho relativamente recente, que recebe a nomenclatura de Humanidades Digitais. Por isso, o presente trabalho dedica-se a apresentar uma breve discussão sobre acervos digitais, com o objetivo de refletir sobre a utilização desses espaços. Martins e Dias (2019) apresentam um levantamento de dados realizado em 2018 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) a fim de compreender a presença e a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nos equipamentos culturais brasileiros. Desses dados, no caso de arquivos, menos da metade disponibiliza o acervo digitalizado para a *internet*. Porém, as dificuldades antecedem o processo de disponibilização dos acervos digitalizados para a *internet*: falta de financiamento e escassez de equipe qualificada não permitem realizar todas as etapas necessárias do processo que resultam nos repositórios *online* que temos livre acesso. A partir do contato com os acervos digitais, Santos (2021) afirma que é preciso manter-se atento às metodologias utilizadas, tendo em vista que, durante a digitalização dos documentos, muitos destes têm fragmentos, pequenos ou grandes, corrompidos. Ou seja, mesmo com o suporte de mecanismos tecnológicos, como o reconhecimento ótico de caracteres, as partes deterioradas ou com má qualidade de imagem ou iluminação são automaticamente desconsideradas, pois não são reconhecidas. Por isso, não se deve abrir mão do rigor metodológico que o historiador deve ter com qualquer outro tipo de arquivo. Apesar disso, o acesso às fontes de pesquisa é possibilitado através dos chamados documentos digitais (VIDAL, 2021), tendo em vista a possibilidade de realização de uma investigação em larga escala, as quais em acervos físicos seriam inviáveis ou demandariam um trabalho sobre-humano. Dessa forma, ainda que um dos motivos para se optar pelos documentos digitais seja por conta de sua facilidade de acesso, destaca-se o importante papel dos acervos digitais na construção da memória, principalmente no âmbito das instituições educacionais. Isso porque a transferência do conhecimento às gerações futuras é facilitada por meio da manutenção dos acervos digitais. Tendo isso em vista,

Vidal (2000) relata sobre a impossibilidade de recusar o produto eletrônico atualmente, levando em consideração que a linguagem virtual possibilitou a constituição de novas práticas de leitura e escrita. Afinal, não é possível deixar de lado o digital no contexto contemporâneo da atualidade. Entretanto, ainda que o uso de recursos tecnológicos nas pesquisas na História da Educação não seja tão recente, existem poucos acervos e repositórios disponíveis *online*. Logo, a pesquisa em espaços digitais deve ser mais reconhecida, para, assim, contribuir na democratização do acesso às fontes de pesquisa e na construção da memória educacional.

Palavras-chave: Acervos digitais. Repositórios *online*. História da Educação.

Introdução

O presente trabalho faz parte do projeto de pesquisa “História da Educação, Educação Profissional e das relações Trabalho e Educação no Litoral Norte gaúcho (séc. XIX, XX e XXI)”, o qual tem como objetivo localizar e identificar possíveis fontes de pesquisa acerca do tema do projeto, assim como sistematizar as fontes pesquisadas, diferenciando-as conforme as suas características, e, por último, a produção de um catálogo das fontes de pesquisa disponíveis. Tal *e-book* será produzido em diferentes volumes tendo em vista o grande recorte temporal do atual projeto de pesquisa.

A princípio, verificaremos se há produção sobre todos os municípios ou se nos restringiremos a Santo Antônio da Patrulha e os primeiros municípios do litoral norte que dali se emanciparam. Pode-se notar a escassez no que diz respeito a produções referentes à história da educação profissional, especialmente na região de interesse desta iniciativa. Logo, considera-se fundamental o desenvolvimento de investigações sobre tal região do estado. Além disso, é compromisso do IFRS como instituição de educação profissional fomentar abordagens como esta.

Considera-se esta uma primeira etapa de uma pesquisa bastante ampla. O projeto conta com duas bolsas de fomento externo; a primeira, PIBIC-CNPq, é responsável pela localização e identificação de publicações em blogs e redes sociais. A segunda, PROBIC-FAPERGS, autora deste trabalho, é responsável pela localização e identificação de impressos pedagógicos ou não-pedagógicos, além de fotografias sobre os temas (a serem localizadas nos arquivos históricos locais e em arquivos digitais, como a Hemeroteca Nacional e o arquivo do CPDOC). Diante disso, neste trabalho, será apresentado um recorte das pesquisas apresentadas acima, assim como uma discussão acerca da História da Educação no contexto digital.

Metodologia

Para uma melhor compreensão do trabalho, a metodologia divide-se em duas partes: uma sobre a investigação nos repositórios *online* e outra sobre a pesquisa nas redes sociais, *sites* e *blogs*.

Repositórios *online*

Como bolsista PROBIC-FAPERGS, tem-se como responsabilidade a localização e identificação de impressos pedagógicos ou não-pedagógicos, então, falaremos brevemente sobre isso.

Naturalmente, a imprensa no Brasil foi se transformando. Desde seu primeiro sinal, foi importante e influenciável na educação. Por isso, Campos (2012) ressalta sobre analisar a imprensa não pedagógica como material importante na história da educação, visto que em suas páginas podemos encontrar valores, posições e contraposições, acontecimentos etc, enriquecedores ao explorar um momento visando uma questão educativa.

Zanlorenzi (2018, p. 390) destaca que os primeiros periódicos pedagógicos de caráter nacional tiveram sua consolidação a partir da década de 1880, época em que a abolição da escravatura aconteceu, o que foi importante tendo em vista a exclusão social, consequentemente, educacional, que as pessoas escravizadas tiveram. Estes primeiros periódicos serviram como ponto de partida para o que depois seria utilizado como objeto de investigação na História da Educação.

Portanto, a partir dessas pequenas pinceladas sobre a imprensa, podemos analisar melhor suas origens, reconhecer a importância da imprensa não pedagógica como possibilidade durante a exploração de um momento na história da educação, visto que suas páginas são carregadas de conteúdo, porque, quando falamos, carregamos conosco história, cultura e educação.

Diante da pandemia da Covid-19, as tecnologias tornaram-se um dos poucos meios viáveis para realizar pesquisa em Ciências Humanas, logo, os acervos digitais foram muito importantes como fonte de pesquisa no período de isolamento. A princípio, manipular acervos digitais é algo animador e desconhecido, mas, compreender suas particularidades e facilidades é transformador na prática científica.

Para que tal investigação fosse levada a cabo, verificou-se quais acervos poderiam contar com documentos relacionados ao Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Há uma série de

acervos digitais, alguns já organizados há algumas décadas, como a Hemeroteca da Biblioteca Nacional. No entanto, no que se refere à pesquisa que coube à bolsista FAPERGS, decidiu-se iniciar com o Repositório Digital Tatu, da Unipampa, que é fruto das iniciativas do projeto “As Políticas Públicas de Formação de Professores em impressos pedagógicos: O caso da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1978)”.

O repositório digital Tatu apresenta suas peculiaridades, então, aqui, apresentaremos algumas delas. O repositório digital Tatu (RDT) abrange a área de História da Educação e pertence à Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). O site conta com cartilhas, livretos, livros, revistas, acervo iconográfico, assim como trabalhos em eventos feitos pela equipe do repositório. O site disponibiliza informações acerca de cada material, conta com mecanismos de sons, como do ato de folhear páginas, transpondo a experiência física para a virtual. Além disso, é possível utilizar o site em Libras, primeira língua das pessoas surdas. Diante disso, é possível notar a dedicação dos colaboradores, especialmente do professor Alessandro Carvalho Bica. (Alves; Colman; Silveira; Barbosa; Lopes; Bica, 2021)

O primeiro contato com o Repositório Digital Tatu foi determinante: muita demanda de revistas para análise, as quais estavam em um nível de arquivo básico (PDF). Ou seja, levaria muito tempo para analisar cada página dos documentos. A solução foi resolver o problema com a mesma ferramenta em uso: a tecnologia. Então, foi utilizado um *software* gratuito para a otimização do processo de pesquisa. As revistas dispostas no acervo digital Tatu têm um tipo básico de arquivo, o PDF (*Portable Document Format*), o quê, popularmente explicando, é equivalente a ler um papel físico. Ou seja, no lugar de ler um papel físico, lê-se um documento PDF. Podemos chamá-lo de papel digital.

No caso do Repositório Digital Tatu, a solução do impasse se deu ao encontrar um programa que fizesse OCR - reconhecimento ótico de caracteres -, ou seja, passasse de PDF [folha digital] para documento pesquisável. Isto é, com as revistas convertidas para este modo, pode-se pesquisar por palavras-chave, como *Osório, Conceição do Arroio, Tôres, Santo Antônio* etc. É evidente que o programa utilizado é passível de erro, mas, é em virtude do mesmo que a pesquisa foi realizada em menor tempo.

A partir disso, foram encontradas 22 [vinte e duas] revistas que incluem em suas folhas palavras-chave relacionadas ao Litoral Norte gaúcho. Prontamente, foram organizados tais dados em uma simples tabela sistematizada da maneira a seguir: ano, identificação [código disponibilizado pelo próprio Repositório Tatu], número de páginas, conteúdo, número da[s]

página[s] em que o conteúdo é citado, e, por último, o *link* [endereço] para verificação, ou, então, para uma continuação de pesquisa.

Em relação aos conteúdos, foram identificados tópicos como *biografias, ensino rural, poemas, pescaria, travessia do Guaíba e Jacuí, povoamento rural, praia, os quatro primeiros municípios riograndenses [1809], inauguração local, polo petroquímico, entrevista com governador Alceu Collares sobre os CIEPS, Terno de Reis, 1979* [com fotografia].

Redes sociais, sites e blogs

Para a realização do projeto de pesquisa que abrange este trabalho, a bolsa disponibilizada pelo CNPq destinou-se à pesquisa em redes sociais, *sites* e *blogs*, com o intuito de localizar e identificar as fontes relacionadas às áreas compreendidas pelo projeto no que tange o recorte das cidades litorâneas do Rio Grande do Sul entre os séculos XIX e XXI.

Sendo assim, foi realizada uma investigação nesses espaços digitais para encontrar algum documento histórico de determinada cidade do Litoral Norte gaúcho. Dentre os documentos encontrados, destacam-se fotografias e vídeos. Aqui é importante salientar que os textos produzidos nas redes sociais, *sites* e *blogs*, tais como descrições dos *posts* feitas pelos organizadores da página, bem como comentários de outras pessoas, não são considerados como documento, entretanto, acredita-se que tais relatos podem contribuir com a identificação dos documentos encontrados, assim como com a localização de outros. Afinal, de acordo com Recuero (2014, p. 120), o comentário é uma manifestação efetiva do usuário quando esse tem algo a dizer sobre o conteúdo do *post*.

Quanto à localização de documentos em redes sociais, elegeu-se as duas mais utilizadas na atualidade para o compartilhamento de mídias, que são o *Facebook* e o *Instagram*. Ademais, como forma de organização, optou-se por abordar os municípios do Litoral Norte gaúcho individualmente. Assim, utilizou-se como descritor o nome da cidade em foco na aba de busca, visando a localização de publicações e perfis que compartilhassem documentos interessantes a respeito da localidade. Na pesquisa por *sites* e *blogs*, o mesmo descritor foi utilizado, só que dessa vez na aba de busca do *Google*.

Durante a seleção, cada documento encontrado foi catalogado em planilhas separadas por cidade, criadas com a utilização da ferramenta Planilhas *Google*. Vale ressaltar que, sempre que possível, os documentos selecionados foram salvos em pastas no *Google Drive*, uma para

cada cidade, sendo devidamente identificados de acordo com o seu nome na planilha. A seguir, o quadro com a representação da planilha utilizada nesta pesquisa:

Quadro 1: Planilha de identificação dos documentos localizados.

A	B	C	D	E	F
Identificação	Cidade	Página (+ link)	Tipo de documento (+ link)	Informações sobre o documento	Informações sobre os organizadores

Fonte: Autoras (2021).

Como pode-se perceber, a planilha criada foi dividida em seis colunas. Na primeira coluna, consta o nome de identificação do documento localizado. Essa identificação começa pela abreviação do nome da cidade em foco, seguido do suporte de pesquisa (*site*, *blog* ou rede social), mais um número único de identificação, podendo ser adicionadas letras em casos de uma mesma publicação com mais de uma foto, exemplo: Capão da Canoa – CC_BLOG01 ou CC_INSTA02.A.

A segunda coluna da planilha contém o nome da cidade em foco. A terceira coluna, o nome da página, seja *site*, *blog* ou rede social, juntamente com o seu *link* de acesso inicial. Na quarta coluna tem-se a especificação do tipo de documento encontrado, se fotografia ou vídeo, mais o *link* da publicação. A quinta coluna traz informações sobre o documento, nela são abordados o ano da postagem e os textos escritos nelas, bem como os comentários, se estes existirem. Por fim, na sexta coluna são descritas as possíveis informações que se tenham sobre os organizadores da página em questão.

Por fim, todas as fontes encontradas e catalogadas foram divididas em quatro grandes grupos, sendo que alguns deles têm as suas próprias subdivisões: fontes de prédios escolares (educação básica / educação profissional / educação superior), fontes de práticas escolares (educação básica / educação profissional / educação superior), fontes de trabalho/atividades profissionais (serviços ligados ao turismo / gerais), e fontes gerais.

Discussão: o uso dos espaços digitais

Apesar de ser um campo de pesquisa bem contemporâneo e, por isso, impossível de ser recusado, tendo em vista a atual era digital (VIDAL, 2000), o uso dos espaços digitais na pesquisa histórica, ainda que não muito disseminado, não é tão recente e o seu uso cresce modificando o trabalho dos investigadores, como afirma Santos (2021, p. 7):

A introdução de novas tecnologias, contudo, vem modificando cada vez mais o trabalho dos historiadores. Entre essas mudanças está a facilidade de consulta rápida e livre através da internet um grande número de fontes que anteriormente eram inacessíveis para os pesquisadores. (SANTOS, 2021, p. 7).

Da mesma forma, Vidal (2021) também ressalta a facilidade de acesso aos documentos através dos espaços digitais, que ainda possibilita uma investigação em larga escala, a qual seria inviável, ou demandaria um trabalho sobre-humano para ser realizada. Além disso, Pontes e Soares (2022) falam sobre a importância dos espaços digitais na construção da memória, principalmente no âmbito das instituições educacionais, visto que a transferência do conhecimento às gerações futuras é facilitada por meio da sua manutenção.

Os referidos espaços digitais se configuram como acervos e repositórios disponíveis *online*, e através deles, “hoje é possível consultar um grande número de fontes de maneira rápida e realizar sua leitura por meio da tela de um computador, sem sair de casa” (SANTOS, 2021, p. 8). Maluly (2021, p. 496) ainda destaca que uma das vantagens no uso dos espaços digitais “é de justamente poder tirar proveito da democratização das ferramentas informáticas, colocando-as nas mãos do próprio investigador”.

Razzini (2008, p. 133) também discorre a respeito da colaboração das mídias digitais no acesso aos documentos: “Nos últimos anos, pesquisas e acervos de história da educação receberam contribuições inestimáveis das mídias digitais, especialmente após a generalização da internet”. Ainda sobre isso, Souza (2014, p. 199) relata que:

A reprodução de documentos em formato digital tem facilitado muito o trabalho dos pesquisadores economizando tempo na coleta de dados e potencializando o acesso e mobilização das fontes para a produção da pesquisa. Por outro lado, a disponibilização de fontes digitais encerra várias dificuldades, entre elas a dos direitos de propriedade intelectual e a da preservação e integridade dos documentos em longo prazo. (SOUZA, 2014, p. 199).

No que tange às redes sociais, *sites* e *blogs* como espaços digitais, Halavais (2013 apud OLIVEIRA, 2018, p. 193) reitera que esses ambientes são um verdadeiro instrumento de compreensão da sociedade, a qual está inteiramente ligada ao espaço em rede da *internet*. Ainda, Oliveira (2018, p. 201) discorre sobre o fato de que as redes sociais e os *blogs* oferecem aos pesquisadores um enorme e vasto material fotográfico para ser estudado, sendo de grande potencial para a pesquisa. Afinal, conforme Castells (2002, p. 43), “a tecnologia é a sociedade”, e ela está aí para que os indivíduos possam agir sobre a informação, principalmente no que diz

respeito às fotografias, pois o autor pontua que a *internet* modificou o fluxo delas (CASTELLS, 2002, p. 423).

Chagas (2010, p. 113) ainda afirma que, atualmente, entre os indivíduos participantes da sociedade urbana, não há quem não possua uma conta em alguma rede social, compartilhe fotos, comentem em posts e interajam dentro de seus agrupamentos digitais. O mesmo autor (p. 116) ainda disserta sobre o fato de que as fontes históricas carregam a marca da temporalidade, ou seja, de sua época, e, por isso, não há como deixar de lado os suportes de circulação atuais, que são os espaços digitais.

A História Digital da Educação foi um importante meio para realizar pesquisas durante o período de isolamento social, um nicho relativamente recente, que recebe a nomenclatura de Humanidades Digitais. Por isso, o presente trabalho dedica-se a apresentar uma breve discussão sobre acervos digitais, com o objetivo de refletir sobre a utilização desses espaços. Martins e Dias (2019) apresentam um levantamento de dados realizado em 2018 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) a fim de compreender a presença e a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nos equipamentos culturais brasileiros.

Desses dados, no caso de arquivos, menos da metade disponibiliza o acervo digitalizado para a *internet*. Porém, as dificuldades antecedem o processo de disponibilização dos acervos digitalizados para a *internet*: falta de financiamento e escassez de equipe qualificada não permitem realizar todas as etapas necessárias do processo que resultam nos repositórios *online* que temos livre acesso.

A partir do contato com os acervos digitais, Santos (2021) afirma que é preciso manter-se atento às metodologias utilizadas, tendo em vista que, durante a digitalização dos documentos, muitos destes têm fragmentos, pequenos ou grandes, corrompidos. Ou seja, mesmo com o suporte de mecanismos tecnológicos, como o reconhecimento ótico de caracteres, as partes deterioradas ou com má qualidade de imagem ou iluminação são automaticamente desconsideradas, pois não são reconhecidas. Por isso, não se deve abrir mão do rigor metodológico que o historiador deve ter com qualquer outro tipo de arquivo.

Considerações finais

A partir de todo o exposto, compreende-se a necessidade da utilização dos espaços digitais na pesquisa histórica. Apesar da utilização ainda menos representativa desses espaços

nas pesquisas atuais, parte-se da perspectiva de que esses ambientes revelam-se um método viável atualmente: a pesquisa na *internet*. Dessa forma, com a contemporaneidade, tem-se ampliado o panorama de investigação dos pesquisadores do século XXI, frente a escassez e dificuldade de localização de documentos em acervos físicos, que também carregam a dificuldade de acesso a eles, em muitos casos, como visto e vivenciado na pandemia da Covid-19.

Logo, fica clara a importância da utilização desses espaços digitais, com o objetivo de não depender exclusivamente dos acervos físicos, porque, do contrário, muitas informações podem ficar dispersas. Por isso, a pesquisa em espaços digitais deve ser mais fomentada, pois contribui na democratização do acesso às fontes e auxilia na construção da memória de um grupo social, transferindo o conhecimento às gerações futuras através de sua manutenção.

Por fim, acredita-se, assim como espera-se, que cada vez mais os pesquisadores tenderão a optar pelos espaços digitais, por conta de tudo o que fora exposto: a sua contemporaneidade, sua facilidade de acesso, sua possibilidade de investigação em larga escala, e, sobretudo, sua nova perspectiva de ler e escrever a história. A nova realidade para a pesquisa histórica não pode mais ser negligenciada, e urge que os pesquisadores se apoderem desse método da atualidade, que, com certeza, irá continuar se expandindo e se ramificando, trazendo outras perspectivas ainda nem pensadas.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Campinas-SP, v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, jan./abr. 2012.

CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHAGAS, Francisco. **Escafandristas do tempo**: narrativas de vida e regeneração da memória em São Rafael/RN. 2010. 236 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Natal, 2010.

MALULY, Vinícius Sodrê. **Transpondo palavras para uma planilha: a construção de um banco de dados intencionalmente subjetivo**. *Sillogés*: v. 4, n. 2, jul./dez. 2021. Disponível em: <<http://www.historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/169/151>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MARTINS, Dalton Lopes; DIAS, Calíope Spindola de Miranda. Acervos digitais: perspectivas, desafios e oportunidades para as instituições de memória no Brasil. São Paulo: **Comitê Gestor da Internet**, 2019 (Boletim técnico).

OLIVEIRA, Irabel Lago de. Etnografia digital: o uso das TIC na pesquisa social, novos métodos de observar. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12, n. 1, p. 190-203, jun. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/4624>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

PONTES, Eliane Batista.; SOARES, Magda Lucia Almada Soares. Acervos arquivísticos audiovisual e sonoro da Fiocruz: uma reflexão acerca de sua preservação digital. **Rev. Bras. Presev. Digit.** Campinas: v. 3. 2022. Disponível em. <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rebpred/article/view/16594>>. Acesso em 14 ago. 2022.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. Acervos e pesquisas em História da Educação: das vitrines do progresso aos desafios da conservação digital. **História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel**: Pelotas, v. 12, n. 25, p. 131-151, maio/ago.2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29063/pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, n. 68, p. 114-124, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06/4187>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

RODRIGUES LOPES, M.; GASSO COLMAN, D.; AQUINO BARBOSA, R.; DE QUADO SOARES ALVES, M.; LAMADRIL DA SILVA SILVEIRA, R.; CARVALHO BICA, A. AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DIÁLOGOS SOBRE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PESQUISADORES EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 13, n. 2, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/110462>. Acesso em: 14 nov. 2022.

SANTOS, Daise Silva dos. Arquivos Digitais: possibilidades de pesquisa no campo da História da Educação. **CAMINHOS DA EDUCAÇÃO: diálogos, culturas e diversidades**, v. 3, p. 4-19, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/12965>>. Acesso em: 14 ago. 2022.

SOUZA, Rosa Fátima de. Acervos digitais e preservação de fontes para a História da Educação Rural no Brasil. **Poesis Pedagógica**, Catalão-GO, v.12, n.2, p. 192-208, jul./dez.2014.Disponível em:<<https://www.revistas.ufg.br/index.php/poesis/issue/view/1551>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

VIDAL, Diana. 2000. Fim do mundo do fim: avaliação, preservação e descarte documental. *In*: Faria Filho LM. **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: Autores Associados, p. 31-43.

VIDAL, Diana. História da Educação: trajetórias e perspectivas (nacional e internacional). **Palestra proferida no 26º encontro da ASPHE**, Pelotas/RS, 03 nov. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=os1q9SoBI_s. Acesso em: 24 nov. 2021.

ZANLORENZI, Claudia Marta Petchak. A imprensa periódica na pesquisa em história da educação: um estado de conhecimento. **Rev. HISTEDBR On-line**, Campinas, v.18, n. 2 (76), p. 385-400, abr./jun. 2018.